

Sobre o comunismo de Conselhos

HTML: <https://www.marxists.org/subject/left-wing/2004/council-communism.htm>

Marcel van der Linden

Ascensão e queda

À medida que a sociedade da Rússia revolucionária se endurecia gradualmente na sua nova forma, nos anos que se seguiram a 1918, e o poder político se concentrava cada vez mais - devido, em parte, à violência da guerra e à crise económica - nas mãos de uma elite burocrática, foram surgindo continuamente movimentos de oposição, tanto no interior da Rússia como no estrangeiro, que procuravam inverter a tendência¹. Karl Korsch, na Alemanha, Amadeo Bordiga, em Itália, e Timofei Sapronov, na Rússia, tentaram e não conseguiram formar uma nova internacional em 1926, por exemplo². A partir de 1930, a oposição "Bukharinita" (Heinrich Brandler, Jay Lovestone, M.N. Roy e outros) fez uma tentativa semelhante. A Oposição Internacional de Esquerda de Trotsky, cuja formação em 1930 acabou por conduzir à fundação da Quarta Internacional em 1938, tornou-se o mais conhecido desses projectos.

Um dos primeiros protestos contra as tendências da Rússia foi expresso nos Países Baixos e na Alemanha por antigos simpatizantes bolcheviques que viriam a ser conhecidos como "comunistas de conselho" - um termo que foi provavelmente utilizado a partir de 1921³. Os porta-vozes mais proeminentes deste protesto foram o pedagogo alemão Otto Rühle (1874-1943) e dois holandeses: o poeta e classicista Herman Gorter (1864-1927) e o astrónomo Anton(ie) Pannekoek (1873-1960). Estes intelectuais tinham sido inicialmente admiradores entusiastas dos desenvolvimentos na Rússia. Gorter, por exemplo, dedicou o seu panfleto *A Revolução Mundial*, de 1918, "a Lenine", o revolucionário que "se destaca acima de todos os outros líderes do proletariado" e para quem "Marx é o seu único par". Um ano mais tarde, Pannekoek ainda afirmava: "Na Rússia, o comunismo é posto em prática há dois anos"⁴.

¹ Agradecimentos a Cajo Brendel, Götz Langkau e aos editores desta revista pelos seus comentários a versões anteriores deste artigo.

² Ver Riechers 1973, Montaldi 1975, Prat 1984.

³ Kool 1970, p. 575.

⁴ Horner 1919, p. 495.

Mas o seu estado de espírito mudou rapidamente. A razão mais importante para a sua reviravolta foram os esforços da Internacional Comunista, criada em 1919, para promover o exemplo bolchevique como modelo internacional. Em 1920, Pannekoek publicou o seu panfleto *Revolução Mundial e Tática Comunista*, no qual defendia a ideia de que os revolucionários da Europa Ocidental deviam utilizar táticas muito diferentes das dos seus camaradas na Rússia. Na Europa Ocidental, a influência de uma velha e experiente burguesia fazia-se sentir a todos os níveis da sociedade. Na Rússia e na Europa de Leste, pelo contrário, a burguesia era ainda jovem e relativamente fraca. Por esta razão, os trabalhadores da Europa de Leste tinham menos preconceitos ideológicos e eram mais receptivos às ideias marxistas. Por conseguinte, a luta contra as instituições burguesas, como os parlamentos e os sindicatos, tinha de ser central no Ocidente.

No seu panfleto *"Comunismo de Esquerda - Uma Perturbação Infantil"*, Lenine refuta as posições dos esquerdistas holandeses e alemães⁵. Considera que Pannekoek (K. Horner) e os seus companheiros de pensamento estão a espalhar a confusão. Embora reconhecesse que havia uma "enorme diferença" entre a "Rússia atrasada" e "os países avançados da Europa Ocidental", considerava o significado universal da experiência russa muito mais importante: "é o modelo russo que revela a *todos os* países algo - e algo altamente significativo - do seu futuro próximo e inevitável"⁶. Ao centrar-se desta forma na "validade internacional" de "certas características fundamentais da nossa revolução", Lenine acentuou as contradições cada vez mais acentuadas no seio do movimento comunista internacional. Surgiram debates intensos nos partidos comunistas da Europa Ocidental.

No seio do Partido Alemão (KPD), este conflito foi exacerbado por outro acontecimento. A direção da organização, encabeçada por Paul Levi, um colaborador de longa data da recentemente assassinada Rosa Luxemburgo, fez aprovar no seu congresso de outubro de 1919 uma decisão segundo a qual todos os membros tinham de participar nas eleições parlamentares e lutar contra a burocracia sindical a partir do interior dos sindicatos. Esta nova linha era, na prática, equivalente a declarar uma cisão, uma vez que não se podia esperar que a esquerda a aceitasse. O resultado, em todo o caso, foi que o KPD perdeu cerca de metade dos seus cem mil membros em poucos

⁵ Herman Gorter respondeu a Lenine na sua *Carta Aberta ao Camarada Lenine* (Gorter 1989 [1920]). Ver também De Liagre Böhl 1978.

⁶ Lenine 1920, pp. 21-2.

meses. Nalguns distritos, como a Grande Berlim, o Noroeste (Hamburgo e Bremen), a Baixa Saxónia (Hanôver) e a Saxónia Oriental (Dresden), a organização foi praticamente dizimada.

No início, a oposição expulsa não queria fundar um novo partido próprio. Mas, quando a direção do KPD agiu hesitantemente nas fases iniciais do Kapp Putsch de direita, em março de 1920, e parecia isolada das secções militantes da classe trabalhadora, foi tomada a decisão de criar uma organização rival. Assim, em 4 e 5 de abril de 1920, foi fundado o Partido Comunista dos Trabalhadores da Alemanha (KAPD). Na altura da sua criação, contava com 38.000 membros. Já em fevereiro de 1920, foi fundada a União Geral dos Trabalhadores (AAUD), uma organização que, em certa medida, seguia o modelo dos Trabalhadores Industriais do Mundo (IWW) dos EUA e que muitos viam como uma federação sindical ligada ao KAPD. O KAPD teve um breve florescimento. O seu ponto alto foi provavelmente em agosto de 1920, quando tinha cerca de 40.000 membros⁷. A partir daí, o partido foi dizimado por uma série de cisões e grupos dissidentes. O golpe de misericórdia ocorreu em março de 1922, com a divisão entre uma "corrente de Berlim" e uma "corrente de Essen"⁸. No final de 1924, os dois grupos juntos tinham apenas 2.700 membros⁹.

O KAPD actuou inicialmente com base no pressuposto de que o movimento comunista internacional ainda podia ser reformado a partir do interior. Mas, quando as tentativas da delegação do KAPD durante o Terceiro Congresso do Comintern em Moscovo (junho-julho de 1921) para formar uma oposição internacional de esquerda falharam, foi imediatamente tomada a decisão de construir uma nova Internacional Comunista dos Trabalhadores (KAI, por vezes referida como a Quarta Internacional), apesar de uma grande tendência dentro do partido (que mais tarde se tornaria a "corrente de Berlim") considerar esta iniciativa prematura. A nível programático, a KAI tomou como ponto de partida as propostas de Herman Gorter na sua recente *Carta Aberta ao Camarada Lenine*, que eram, de facto, principalmente uma repetição dos argumentos apresentados por Pannekoek. Fora da Alemanha, a KAI era apoiada principalmente por

⁷ Bock 1993, p. 239.

⁸ A questão das reivindicações salariais desempenhou um papel central na cisão. A corrente de Essen defendia que era contrarrevolucionário continuar a exigir salários mais elevados. Uma vez que o capitalismo estava no seu leito de morte, as reivindicações económicas só poderiam atrasar o fim da velha sociedade. Era altura de lutar pela conquista total do poder, pelo controlo de toda a sociedade. Em contrapartida, a corrente berlinense continuava a insistir na importância das reivindicações salariais, porque os trabalhadores precisavam urgentemente de salários mais elevados numa época de inflação elevada.

⁹ Bock 1993, pp. 319-20.

grupos políticos muito pequenos, como a organização irmã holandesa KAPN, um grupo britânico em torno de Sylvia Pankhurst e o Partido Comunista Operário Búlgaro em torno da revista *Rabotchnik Iskra*.

No seio do movimento concelhio-comunista - que se foi diversificando com a desintegração do KAPD - as críticas à Rússia tornaram-se rapidamente mais intensas. O porta-voz dos saxões orientais, Otto Rühle, foi talvez o primeiro a concluir que os bolcheviques não estavam a construir o socialismo. Rühle tinha sido delegado do KAPD no Segundo Congresso do Comintern, em meados de 1920, mas saiu em protesto ainda antes do início do Congresso. Uma vez de volta à Alemanha, ele deu vazão à sua consternação. Os bolcheviques tinham tentado saltar uma época inteira, saltando diretamente do feudalismo para o socialismo. O atraso da revolução mundial fez com que esta tentativa fosse um fracasso. O resultado foi "uma terrível decepção"¹⁰. Os bolcheviques tinham instituído um ultra-centralismo que correspondia completamente ao carácter burguês da sua revolução.

O centralismo é o princípio organizacional da época burguesa-capitalista. Por este meio, um estado burguês e uma economia capitalista podem ser construídos. Um estado proletário e uma economia socialista não podem, no entanto, ser construídos. Requerem o sistema de conselhos¹¹.

Em pouco tempo, esta opinião de Rühle foi geralmente aceite nos círculos do KAPD.

No decurso de 1921, o movimento concelhio-comunista começou assim a demarcar-se claramente do comunismo oficial. Os pontos de partida do movimento podem ser resumidos de forma simples. Em primeiro lugar, o capitalismo está em declínio e deve ser abolido imediatamente. Em segundo lugar, a única alternativa ao capitalismo é uma democracia de conselhos de trabalhadores, baseada numa economia controlada pela classe trabalhadora. Em terceiro lugar, a burguesia e os seus aliados sociais-democratas estão a tentar salvar o capitalismo do seu destino através da manipulação "democrática" da classe trabalhadora. Em quarto lugar, a fim de apressar o estabelecimento de uma democracia de conselhos, esta manipulação deve ser consistentemente combatida. Isto significa, por um lado, boicotar todas as eleições parlamentares e, por outro lado, lutar sistematicamente contra os velhos sindicatos (que

¹⁰ Rühle 1920a.

¹¹ Rühle 1920b.

são órgãos de gestão conjunta do capitalismo). Finalmente, as sociedades de tipo soviético não são uma alternativa ao capitalismo, mas sim uma nova forma de capitalismo.

Estes cinco pontos de partida constituem os parâmetros em que se desenrolaram os debates entre os comunistas do Conselho nos últimos oitenta anos. No entanto, dentro destes parâmetros, tem havido um espaço considerável para diferenças fundamentais de opinião. As diferenças foram também acentuadas pelo declínio atual do movimento, que reduziu os restantes conselhistas a pequenos grupos. Nestes grupos, o debate teórico interno foi muitas vezes mais importante do que o trabalho político prático.

O comunismo de conselho organizado desapareceu de cena na Alemanha após a tomada do poder por Hitler, em 1933, embora tenham permanecido grupos activos na resistência¹². Nos Países Baixos, desenvolveram-se vários pequenos grupos, um dos quais, o Grupo de Comunistas Internacionais (GIC), continuou a servir de centro coordenador das discussões internacionais até ao final dos anos 30 e, entre outras coisas, publicou uma revista (*Rätekorrespondenz*, 1934-1937) com esse objetivo. Nos primeiros números deste periódico apareceram vários textos que, posteriormente, funcionaram mais ou menos como a plataforma substantiva do movimento internacional. O primeiro desses textos foi "A Ascensão de um Novo Movimento Trabalhista", do educador holandês Henk Canne Meijer (1890-1962), que pode ser justamente considerado como a "alma" do GIC¹³. Canne Meijer explicava que o papel histórico de todo o antigo movimento operário (constituído por partidos, sindicatos e cooperativas) estava esgotado e que se erguia agora um novo movimento operário, baseado inteiramente numa atividade proletária autónoma¹⁴.

Um segundo texto influente foram as "Teses sobre o Bolchevismo" do jornalista e professor alemão Helmut Wagner (1904-89). Wagner caracterizava a União Soviética como um capitalismo de Estado sem burguesia, constantemente a ziguezaguear entre os interesses dos trabalhadores e dos camponeses. Os Planos Quinquenais e a coletivização forçada não eram mais do que tentativas de manter a contradição entre estas duas classes sob controlo pela força¹⁵.

¹² Ver Ihlau 1969.

¹³ Brendel 1974, p. 259.

¹⁴ Canne Meijer 1934.

¹⁵ Wagner 1934. Em 1936-1937, no exílio na Suíça, Wagner expandiu as suas "Teses" num extenso manuscrito não publicado sobre "Os fundamentos da política de poder bolchevique: A Contribution to a

Wagner continuava a pensar que os bolcheviques tinham seguido políticas incorrectas na tentativa de construir o socialismo. Anton Pannekoek chegou alguns anos mais tarde a uma conclusão diferente, a de que os bolcheviques tinham levado a cabo uma revolução burguesa, pelo que, em vez de seguirem políticas incorrectas, tinham seguido as únicas políticas possíveis. O seu único "erro" tinha sido imaginar que estavam a construir o socialismo em vez do capitalismo.

Um antigo membro do KAPD que emigrou para os Estados Unidos em 1926, o metalúrgico Paul Mattick (1904-81), começou a desenvolver a sua própria atividade em Chicago no início da década de 1930¹⁶. Foi, entre outras coisas, o impulsionador da revista *International Council Correspondence*¹⁷. Na Austrália, J.A. Dawson (1889-1958) publicou durante vários anos o *Southern Advocate of Workers' Councils*, logo após a Segunda Guerra Mundial¹⁸, enquanto Lain Diez publicou textos concelhios-comunistas no Chile. De tempos a tempos, um pensador marxista independente parecia evoluir no sentido conciliador-comunista, como aconteceu com o advogado e filósofo ex-comunista Karl Korsch (1886-1961) a partir do início dos anos trinta.

O comunismo de conselhos teve, há alguns anos, um pouco de protagonismo, enquanto o movimento estudantil florescia nos anos 60, sobretudo na Alemanha, Itália e França. Os textos clássicos foram republicados e os "veteranos", como Mattick e o jornalista holandês Cajo Brendel (nascido em 1915 e talvez o último verdadeiro discípulo de Pannekoek), eram oradores e escritores populares. O "velho" comunismo do Conselho foi muitas vezes integrado de uma forma mais ou menos eclética numa "nova" teoria ou visão do mundo. É o caso, por exemplo, do livro de Daniel e Gabriel Cohn-Bendit, *Le gauchisme: remède à la maladie sénile du communisme*¹⁹. Com o declínio dos "movimentos de 1968", o comunismo de conselho também voltou a desaparecer em grande parte, embora ainda existam grupos activos em vários locais da Europa Ocidental e da América do Norte²⁰.

Sociology of Bolshevism". Publicou partes do seu manuscrito sob o pseudónimo Rudolf Sprenger. Ver, por exemplo, Sprenger 1940.

¹⁶ Bonacchi 1977, Dingel 1981.

¹⁷ Esta publicação começou a ser publicada em 1934, inicialmente como uma versão em língua inglesa do periódico *Rätekorrespondenz* do GIC. Passou a chamar-se *Living Marxism* em 1938 e *New Essays* em 1942. Deixou de ser publicado em 1943. Em 1970, a Greenwood Press publicou uma reedição fac-similada.

¹⁸ Wright 1980.

¹⁹ Publicado em Paris pela Seuil em 1968.

²⁰ O veterano concílio-comunista neerlandês Cajo Brendel escreveu-me (12 de dezembro de 2001) Nos últimos cinco anos, assisti ao aparecimento de grupos comunistas concelhios com jornais próprios em

Debates

Desde a década de 1920 que se registram numerosos debates internos entre os comunistas do Conselho. Limitar-me-ei aqui a fazer um breve resumo das controvérsias mais importantes.

i. *Caracterização do período histórico*

O que significa exatamente a afirmação de que o capitalismo está em declínio? Nas décadas de 1920 e 1930, muitos marxistas (comunistas de conselho e outros) pensavam que o capitalismo estava muito próximo do fim do seu ciclo. Esta opinião era frequentemente apoiada por referências à teoria de Rosa Luxemburgo, segundo a qual, ao ter conquistado todo o planeta, o capitalismo tinha atingido o seu limite histórico. No final da década de 1920, uma segunda teoria foi acrescentada ao argumento, baseada no livro de Henryk Grossmann sobre o colapso do capitalismo²¹. Grossmann utilizou os esquemas de reprodução de Marx para mostrar que o aumento da composição orgânica do capital conduz automaticamente à paragem do processo de acumulação e que o capitalismo tem, portanto, um limite *interno* objetivo. A opinião de Grossmann foi objeto de debates acesos entre os comunistas do Conselho no início da década de 1930. Korsch e Pannekoek, entre outros, rejeitaram a abordagem de Grossmann, enquanto Mattick defendeu os seus pontos-chave²². Pannekoek defendia que o socialismo surgiria, não porque o capitalismo se desmoronaria e obrigaria os trabalhadores a formar novas organizações, mas porque o capitalismo se tornaria cada vez mais insuportável para os trabalhadores e os incitaria a formar novas organizações que fariam o capitalismo desmoronar-se. Mattick, pelo contrário, considerava sofismática a argumentação de Pannekoek, porque o colapso do capitalismo e a luta de classes revolucionária são duas faces da mesma moeda: a concentração contínua do capital levaria a uma imiserção prolongada dos trabalhadores, transformando a sua luta económica numa luta revolucionária. Dizer que o colapso do capitalismo era inevitável era, portanto, exatamente o mesmo que dizer que a revolução era inevitável.

Berlim, Lübeck, Hamburgo, Friburgo, Bad Salzungen, Colónia, Duisburg e Oberhausen. . . . Além disso, existem também grupos concelhios-comunistas em França, nos Estados Unidos e no Canadá. Para não falar de Espanha, Itália e Grécia". Além disso, devo mencionar a Corrente Comunista Internacional, uma tendência internacional muito pequena, de origem francesa, que não é estritamente comunista, mas que tem uma ampla filiação.

²¹ Grossman 1929.

²² Bonacchi 1977, pp. 57-64.

Estes debates pareciam, naturalmente, muito menos urgentes durante o longo boom pós-Segunda Guerra Mundial. Agora, a questão central era como interpretar o boom. Nenhum comunista do Conselho acreditava que o capitalismo tivesse afinal encontrado uma forma de manter sob controlo as suas contradições fundamentais. Pelo contrário, todos estavam convencidos de que os "anos dourados" significavam apenas um adiamento do dia do ajuste de contas. O desafio teórico e político consistia sobretudo em analisar o boom como um fenómeno temporário. Paul Mattick, em particular, assumiu esta tarefa. Já no final da década de 1930, começou a desenvolver uma crítica a John Maynard Keynes, que culminou na sua obra-prima *Marx e Keynes*, em 1969. Segundo Mattick, Marx não previra a ocorrência de um período keynesiano de grande intervenção económica estatal (embora a teoria de Marx não excluísse de forma alguma essa possibilidade). O keynesianismo "aceitou silenciosamente" a opinião de Marx sobre as crises iminentes do capitalismo e, ao mesmo tempo, ofereceu uma solução sob a forma de interferência consciente no mecanismo do mercado²³. No entanto, esta solução não podia resolver o problema estrutural da acumulação de capital, porque o aumento da intervenção do Estado conduzia a uma produção mais esbanjadora (de armas, etc.) e a obras públicas.

Mesmo que, desta forma, fossem criados mercados adicionais para o capital,

"... o *produto final* da produção induzida pelo governo, resultante de uma longa cadeia de processos de produção intermédios, não tem a forma de uma *mercadoria* que possa ser vendida com lucro no mercado. " ²⁴

As despesas públicas deficitárias não fazem, portanto, parte da procura agregada efectiva, mas sim de uma política deliberada de produção para além dela²⁵. Esta política, baseada num aumento contínuo da dívida nacional (e, conseqüentemente, numa depreciação constante dos rendimentos e das dívidas), estava destinada a chegar a um beco sem saída num determinado momento.

Apesar da longa duração de condições bastante "prósperas" nos países industrialmente avançados, não há fundamento para supor que a produção capitalista tenha superado as suas contradições inerentes através de intervenções estatais na economia²⁶.

²³ Mattick 1969, p. 130.

²⁴ Mattick 1969, p. 154; ver também p. 118.

²⁵ Mattick 1969, p. 160.

²⁶ Mattick 1976, pp. 232-3.

Mattick estava também atento a algumas possíveis consequências não económicas do capitalismo do pós-guerra, como o demonstra a atenção que dedicou, muito mais cedo do que muitos outros marxistas, às questões ecológicas. Em 1976, dedicou um ensaio à "destruição contínua do ambiente". Defendia que as ameaças ao habitat humano não eram o resultado do desenvolvimento das forças produtivas, mas sim das relações de produção capitalistas e do seu "monstruoso desperdício de força de trabalho humana e de recursos naturais"²⁷. Ao mesmo tempo, Mattick não excluía a possibilidade de o capitalismo encontrar, por si próprio, uma solução para a ameaça:

"Uma vez que a forma como o mundo se move é determinada pelo lucro, os capitalistas preocupam-se com os problemas ecológicos apenas na medida em que estes têm um impacto nos lucros. Os capitalistas não têm um interesse particular em destruir o mundo; se se verificar que a preservação do mundo também pode ser lucrativa, então a proteção do mundo também se tornará um negócio. " ²⁸

ii. *Intervenção revolucionária nas lutas dos trabalhadores*

Provavelmente, a diferença mais importante entre os comunistas do Conselho dizia respeito à intervenção revolucionária nas lutas dos trabalhadores. Os partidos políticos do "velho" movimento operário tinham falhado.

Quando se verificou que era possível melhorar as condições dos trabalhadores dentro dos limites do capitalismo, o movimento operário, outrora radical, transformou-se numa instituição que dava um apoio adicional ao *status quo* social²⁹.

Mas será que esta cooptação do "velho" movimento significava também que o próprio conceito de partido operário revolucionário se tinha tornado obsoleto? Um partido revolucionário era útil para educar o proletariado para a atividade autónoma, ou todos os partidos políticos eram organizações burguesas que tinham de ser combatidas?

Ao longo dos anos 20, cristalizaram-se gradualmente três posições diferentes. Em primeiro lugar, havia os comunistas de conselho que acreditavam que o "velho" movimento operário apenas tinha desacreditado um certo tipo de partido, mas não a ideia de um partido enquanto tal. O novo partido revolucionário não deveria ser algo separado da classe operária, mas deveria fundir-se dialeticamente com ela. Esta posição

²⁷ Mattick 1976, pp. 232-3.

²⁸ Mattick 1976, p. 237.

²⁹ Mattick 1969, p. 131.

foi defendida, entre outros, por Herman Gorter, que resumiu a linha de argumentação em três pontos:

Em primeiro lugar, o reagrupamento de todos os trabalhadores, da grande maioria do proletariado no sindicato [revolucionário]; em segundo lugar, o reagrupamento dos trabalhadores mais conscientes no partido; em terceiro lugar, a unidade do sindicato e do partido.³⁰

Os defensores das "organizações de unidade" tinham uma segunda posição. O mais importante teórico desta posição intermédia foi Otto Rühle, que já em 1920 tinha declarado que "a revolução não é um assunto de partido [*Die Revolution ist keine Parteisache*]". Para Rühle, a divisão do trabalho entre partido e sindicato é uma herança do capitalismo. A organização unitária, com a qual os trabalhadores poderiam defender os seus interesses em todas as frentes e promover a democracia de bairro, deveria substituir ambos. O ponto de partida do processo de aprendizagem revolucionário dos trabalhadores é o local onde produzem mais-valia, ou seja, o local de trabalho. Aí teriam de ser eles próprios a organizar a sua luta. Através da luta económica, eles educar-se-iam e chegariam a uma consciência política mais elevada. Estes processos de aprendizagem encontrariam expressão organizativa em federações de organizações de locais de trabalho, que levariam a cabo uma luta económica e política em simultâneo. Este ponto de vista era praticamente idêntico ao do sindicalismo revolucionário.³¹

Os comunistas de conselho mais radicais eram aqueles que se recusavam terminantemente a intervir no movimento operário. Anton Pannekoek, embora não tenha sido o seu criador, foi o representante mais proeminente deste ponto de vista. Expõe a sua lógica nas suas memórias:

[Sob a influência de Henk Canne Meijer e outros], novos princípios tornaram-se gradualmente mais claros. Especialmente este: as massas trabalhadoras devem tomar elas *próprias as* decisões sobre a sua luta, e elas *próprias* levá-la a cabo e dirigi-la. Isto parece um lugar-comum ou um disparate evidente; mas significa que não há lugar para *líderes* como tal. Lembro-me que uma vez, durante uma grande greve, debati comigo próprio sobre o que os trabalhadores deviam fazer, e não conseguia perceber qual das duas atitudes diferentes devia ser adoptada; e se mais tarde tivesse de dar a sua opinião ou conselho num artigo ou num jornal? No final, graças a um artigo de Henk, vi a

³⁰ Gorter 1978, p. 170.

³¹ Bock 1990.

solução simples de uma só vez: eu não tenho de a descobrir; os trabalhadores têm de a descobrir eles *próprios* e assumir toda a responsabilidade por ela.³²

A tarefa dos comunistas do Conselho, segundo esta abordagem, consistia exclusivamente em estudar e analisar o capitalismo e as lutas dos trabalhadores. Este ponto de vista, que ainda hoje é propagado por Cajo Brendel e alguns associados, valeu aos seus apoiantes o apelido de "frades de clausura do marxismo"³³.

iii. *Factores subjectivos*

As controvérsias sobre a construção de partidos estavam ligadas a outro debate. Se, de facto, as "condições objectivas" nos países capitalistas avançados estão maduras para a revolução, quais são os "factores subjectivos" que impedem a classe trabalhadora de estabelecer uma nova sociedade? Rühle chegou à conclusão, por volta de 1920, que a causa mais profunda do fracasso da Revolução Alemã de 1918-19 não residia nos erros de uma ou outra organização revolucionária, mas sim na mentalidade da classe operária. A revolução só seria possível nos países industrializados quando a classe operária tivesse autoconfiança e vontade suficientes para tomar o controlo dos verdadeiros locais de poder, os locais de trabalho, e os colocasse nas mãos de organizações unitárias em que o poder político e económico estivessem unidos. O facto de a classe operária não o ter feito em 1918-19 foi o resultado da sua mentalidade subalterna. Rühle escreveu em 1925:

O que é mais necessário hoje em dia é o desmantelamento gradual da autoridade dentro das próprias pessoas, no seu modo de atividade psíquica, na prática geral e diária da vida em sociedade. Desmantelar a autoridade no aparelho organizacional é importante. Desmantelá-la na teoria e nas táticas da luta de classes é mais importante. Mas o mais importante de tudo é *desmantelar a autoridade na alma humana*, porque sem ela é impossível abolir a autoridade quer na organização quer na tática e na teoria.³⁴

³² Pannekoek 1982, p. 215.

³³ Kool 1978. A expressão teve origem no líder sindical revolucionário e parlamentar holandês Henk Sneevliet (1883-1942).

³⁴ Rühle 1975, p. 141. Em parte devido à influência da sua esposa Alice Gerstel, Rühle viu uma ligação lógica entre o marxismo pedagógico que propagava e a *psicologia individual* de Alfred Adler, na qual a busca da consciência integral do eu também era central. Rühle dedicou grande parte do resto da sua vida a desenvolver esta ideia. Ver Kutz 1991 e Schoch 1995. Muitos comunistas do conselho tinham pouca utilidade para a viragem pedagógica de Rühle. Na opinião de Mattick: "Esta parte da atividade de Rühle,

Enquanto Rühle defendia, assim, uma abordagem pedagógica revolucionária alargada, a maioria dos comunistas de conselhos considerava que não era necessário alterar toda a psicologia da classe operária, mas apenas lutar contra ideias políticas erradas. O seu pressuposto subjacente era que a ideologia burguesa dos trabalhadores os impedia de estabelecer uma democracia de conselhos. Como diz Pannekoek:

O que os impede [os trabalhadores] é principalmente o poder das ideias herdadas e infundidas, o formidável poder espiritual do mundo da classe média, envolvendo as suas mentes numa espessa nuvem de crenças e ideologias, dividindo-as e tornando-as incertas e confusas. O processo de esclarecimento, de clarificação e de destruição deste mundo de velhas ideias e ideologias é o processo essencial de construção do poder da classe trabalhadora, é o progresso da revolução.³⁵

A filosofia marxista tinha um papel central na explicação e no combate à "espessa nuvem de crenças e ideologias". É por isso que Pannekoek, em particular, passou um tempo considerável criticando o que ele considerava ser o pensamento burguês dentro do movimento operário. Em 1938, publicou uma crítica a Lenine, especialmente ao livro de 1909 de Lenine, *Materialismo e Empiriocrítico*³⁶. Pannekoek tentou provar que Lenine, na sua crítica a Ernst Mach e aos seguidores russos de Mach, Bogdanov e Lunacharsky, não conseguiu ir além do materialismo iluminista do século XVIII. Lenine reduziu a "matéria" à matéria física, enquanto o materialismo histórico tem um conceito muito mais amplo de matéria, nomeadamente o conceito de "realidade objetiva", ou "toda a realidade observada", incluindo "a mente e as fantasias" (Eugen Dietzgen)³⁷. Lenine partilhava a sua tendência para o "materialismo de classe média", na opinião de Pannekoek, com o seu mentor filosófico Gregorii Plekhanov. O seu pensamento era, em ambos os casos, o produto das "condições sociais russas":

Na Rússia ... a luta contra o czarismo foi análoga à anterior luta contra o absolutismo na Europa. Também na Rússia a Igreja e a religião eram

quer a avaliemos positiva ou negativamente, tem pouco ou nada a ver com os problemas que afligem o proletariado alemão" (Mattick 1978, pp. 110-11).

³⁵ Pannekoek 1948, p. 77.

³⁶ O livro de Lenine foi publicado em 1909 em russo. A primeira tradução (em alemão) foi publicada em 1927.

³⁷ Pannekoek 1948, p. 61. Gorter e Pannekoek consideraram o livro *Das Wesen der menschlichen Kopfarbeit* (1869) do filósofo alemão da classe operária Eugen Dietzgen (1818-88) como um contributo crucial para o desenvolvimento da teoria marxista. Brendel 1970, pp. 140-2; Bock 1992; De Liagre Böhl 1996, pp. 252-4.

os mais fortes suportes do sistema de governo.... A luta contra a religião era aqui uma necessidade social primordial ... Assim, a luta de classes proletária na Rússia era, ao mesmo tempo, uma luta contra o absolutismo czarista, sob a bandeira do socialismo. Assim, o marxismo na Rússia... assumiu necessariamente um carácter diferente do da Europa Ocidental. Continuava a ser a teoria de uma classe trabalhadora em luta; mas esta classe tinha de lutar, antes de mais, por aquilo que na Europa Ocidental tinha sido a função da burguesia, com os intelectuais como seus associados. Assim, os intelectuais russos, ao adaptarem esta teoria a esta tarefa local, tiveram de encontrar uma forma de marxismo em que a crítica da religião estivesse na linha da frente. Encontraram-na numa abordagem às formas anteriores de materialismo e nos primeiros escritos de Marx...³⁸

Segundo Pannekoek, Lenine estava a travar uma batalha que já tinha sido ganha na Europa Ocidental. As ideias de Lenine não têm qualquer utilidade para as pessoas que vivem num capitalismo desenvolvido e só dificultam a auto-emancipação da classe operária³⁹.

iv. O papel das acções individuais

Uma outra controvérsia, sobre o papel das acções individuais, estava também ligada ao debate sobre o partido. Deveriam os comunistas conscientes do conselho levar a cabo "acções exemplares" para despertar o proletariado do seu sono? Ou seria isso absolutamente errado, porque distraía as massas da sua auto-emancipação? Esta não era de modo algum uma questão puramente académica. Os comunistas do Conselho com tendências "activistas" tentaram agir de forma "exemplar" várias vezes durante as décadas de 1920 e 1930. Nos anos tempestuosos da Revolução Alemã, primeiro o agrimensor Max Hölz (1899-1933) e, um pouco mais tarde, o moldador deficiente Karl Plättner (1893-1945) formaram grupos armados que, entre outras coisas, assaltavam bancos e saqueavam casas de campo para dividir o saque entre os pobres. Esperavam, assim, mostrar a vulnerabilidade das instituições existentes e inspirar outros trabalhadores para acções semelhantes⁴⁰. Outro conselheiro-comunista defensor de

³⁸ Pannekoek 1948, pp. 68-9.

³⁹ Korsch (1938) está mais ou menos do lado de Pannekoek. Uma reacção crítica (apontando, entre outras coisas, para a "ligação mecânica" que Pannekoek faz entre a filosofia materialista e a prática revolucionária) pode ser encontrada em [Bourrinet] 2001, pp. 256-65.

⁴⁰ Hölz foi preso em 1921 e Plättner no início de 1922. Pouco depois, Hölz tornou-se um comunista "ortodoxo"; morreu em 1933 em circunstâncias suspeitas na União Soviética. Plättner morreu num campo

acções exemplares, o operário da construção civil holandês Marinus van der Lubbe (1909-34), deficiente, tornou-se mundialmente famoso depois de ter incendiado o Reichstag em Berlim, a 27 de fevereiro de 1933, porque, como disse mais tarde à polícia, "vi que os trabalhadores sozinhos não iam fazer nada [contra o nacional-socialismo]". Van der Lubbe tinha sido membro, nos Países Baixos, da Oposição de Esquerda dos Trabalhadores de Eduard Sirach (1895-1937), um grupo comunista de Roterdão⁴¹.

As diferentes reacções dos comunistas do Conselho ao ato de Van der Lubbe demonstraram o que estava em causa no debate sobre a ação exemplar. Anton Pannekoek (próximo do GIC "antiactivista") criticou energicamente a ação de Van der Lubbe e qualificou-a de "completamente inútil". Eduard Sirach, pelo contrário, publicou um panfleto que terminava da seguinte forma

Incendiar o edifício do Reichstag foi o ato de um revolucionário proletário... Quando o fumo se elevou desta casa de engano democrático, na qual as massas alemãs foram vendidas ao capitalismo durante quinze anos, as ilusões na democracia parlamentar que mantiveram os trabalhadores alemães acorrentados ao capitalismo também se desfizeram em fumo. *A sede de ação e o espírito de sacrifício que inspiraram Van der Lubbe devem inspirar também as massas trabalhadoras, se quiserem pôr fim ao capitalismo criminoso! É por isso que somos solidários com ele!*⁴²

v. A economia pós-capitalista

Sob o impacto dos acontecimentos na Rússia/União Soviética, vários autores, sobretudo pró-mercado livre (Ludwig von Mises e outros), defenderam, nos anos que se seguiram a 1917, que uma economia centralmente planejada era, em princípio, impossível. Na altura, apenas alguns socialistas radicais aceitaram o desafio e tentaram provar o contrário. As excepções positivas mais importantes foram provavelmente o austro-marxista Otto Leichter e Karl Polányi, que se inspirou nas ideias do "Socialismo de Guilda"⁴³.

O metalúrgico alemão Jan Appel (1890-1985), que representou o KAPD no Segundo e Terceiro Congressos do Comintern e emigrou ilegalmente para os Países

de concentração alemão pouco antes da sua libertação pelos Aliados. Bock 1993, pp. 308-18 e pp. 328-33, Gebhardt 1983, Giersich e Kramer 2000, Ullrich 2000, Berghauer 2001.

⁴¹ Karasek 1980, Jassies 2000.

⁴² Sirach 1933, p. 16.

⁴³ Leichter 1923, Polányi 1922.

Baixos em 1926, tentou desenvolver uma alternativa comunista ao capitalismo. O seu ponto de partida era que uma sociedade comunista desenvolvida não teria mercado, nem concorrência, nem dinheiro, nem preços. Haveria, portanto, apenas uma economia natural, na qual a produção e a distribuição seriam reguladas democraticamente. Appel contrariou a crítica de Von Mises e dos seus co-interpretadores de que uma economia racional seria impensável em tais circunstâncias, dada a ausência de uma unidade contabilística (como o valor), propondo o tempo de trabalho socialmente necessário como base para essa unidade contabilística. Appel elaborou esta ideia num manuscrito que foi discutido e desenvolvido nos Grupos de Comunistas Internacionais. O resultado foi publicado em 1930 como "obra colectiva", sob o título *Princípios fundamentais da produção e distribuição comunistas*⁴⁴. O texto continuaria a ser objeto de debate e de uma série de revisões nos anos seguintes⁴⁵.

Os *Princípios Fundamentais* contêm uma grande quantidade de análises, abordando uma vasta gama de problemas da organização económica comunista: o papel dos pequenos e médios camponeses, por exemplo, e as prioridades para a utilização dos recursos nas diferentes fases de desenvolvimento. Mas o centro da sua análise é a questão dos mecanismos de distribuição. Os *princípios* dividem a economia comunista em dois sectores: por um lado, os "estabelecimentos de produção" que fornecem bens e serviços pelos quais são remunerados e, por outro, os "estabelecimentos de uso social geral" (estabelecimentos GSU), que não são remunerados pela sua produção. Uma fábrica de calçado, por exemplo, é um estabelecimento produtivo, um hospital é um estabelecimento GSU. Ambos os sectores são constituídos por unidades autónomas nas quais os trabalhadores têm total liberdade de decisão. A "coordenação horizontal" entre as diferentes unidades resulta do fluxo de produtos entre elas (sob a forma de meios de produção e de bens de consumo)⁴⁶.

O princípio "oferta de acordo com as necessidades" é realizado no sector GSU, mas não no outro sector. Por outras palavras, o consumo total da população pode ser dividido numa parte individual (produtos do sector produtivo) e numa parte colectiva (produtos do sector GSU). Em ambos os sectores, os meios de produção fixos e circulantes (P) são transformados em trabalho (L) para produzir produtos. Todas as componentes do processo de produção contêm quantidades específicas de tempo médio

⁴⁴ Appel 1990. Sobre a biografia de Appel, ver Van den Berg 2001.

⁴⁵ Nem todos os comunistas do Conselho ficaram entusiasmados com os *Princípios Fundamentais*. Anton Pannekoek considerou-os, no início, "bastante utópicos, irreais" (Pannekoek, 1982, p. 215).

⁴⁶ Appel 1990, p. 147.

de produção social. Os produtores são recompensados pelos seus esforços com certificados de trabalho, que valem, por exemplo, "uma hora de tempo médio de produção social"⁴⁷. Mas nem *todas as* horas trabalhadas são convertidas em certificados de trabalho. Um exemplo pode tornar este facto mais claro. Suponhamos que o conjunto dos estabelecimentos produtivos de um determinado país consome 700 milhões de horas de trabalho de P e 600 milhões de horas de trabalho de L, e produz produtos no valor de 1300 milhões de horas de trabalho. Então, o sector produtivo precisa de 700 milhões de horas de trabalho (P) para se reproduzir, deixando 600 milhões de horas de trabalho para o resto da sociedade. Suponhamos ainda que o sector GSU consome 58 milhões de horas de P e 50 milhões de horas de trabalho de L (com uma produção de 108 milhões de horas de trabalho), pelo que este sector necessita de 58 milhões de horas de trabalho (P) para se reproduzir. Isto significa que o total do fator de produção sob a forma de trabalho (L) na sociedade é de 650 milhões, enquanto que $600 - 58 = 542$ milhões de horas de trabalho são deixadas para consumo individual. O chamado "Fator de Remuneração" ou "Fator de Consumo Individual" (FIC) é então $542 / 650 = 0,83$. Se um trabalhador trabalha 40 horas por semana, recebe apenas certificados de trabalho equivalentes a $0,83 \times 40 = 33,2$ horas de trabalho⁴⁸.

À medida que a sociedade comunista se torna mais desenvolvida, a dimensão relativa do sector GSU aumenta, de tal modo que, eventualmente, sectores como o abastecimento alimentar, os transportes, a habitação, etc., são também incorporados nele⁴⁹. No entanto, apesar desta tendência para o crescimento, o sector GSU nunca poderá abranger toda a sociedade, pelo que o FIC nunca se reduzirá a zero:

Apenas os estabelecimentos produtivos que fornecem bens que satisfazem as necessidades gerais serão passíveis de transformação no tipo de estabelecimento GSU. Uma pequena reflexão revelará que dificilmente será possível incluir no sistema de distribuição totalmente socializado aqueles muitos e variados artigos e bens que reflectem os

⁴⁷ Os *princípios* prevêm a possibilidade de que "na fase inicial de uma sociedade comunista, pode ser necessário, num primeiro momento, que diversas profissões intelectuais sejam remuneradas a um nível mais elevado; que, por exemplo, 40 horas de trabalho dêem direito a 80 ou 120 horas de produto. . . . No início da forma comunista de sociedade, esta medida poderia ser de facto justa, se, por exemplo, os meios de educação superior não estivessem disponíveis para todos gratuitamente, porque a sociedade ainda não está suficientemente organizada na nova base. No entanto, logo que estas questões estejam ordenadas, já não se pode falar em dar às profissões intelectuais uma parte maior do produto social", Appel 1990, pp. 56-7

⁴⁸ Appel 1990, pp. 94-5.

⁴⁹ Appel 1990, pp. 97-8.

gostos especiais ditados por vários interesses humanos individuais de um tipo especializado.⁵⁰

A ideia central dos *Princípios* pareceu receber um forte apoio quando os *Grundrisse* de Marx foram publicados em 1939, incluindo a passagem:

Economia de tempo, a isso se reduz toda a economia.... Assim, a economia do tempo, juntamente com a distribuição planificada do tempo de trabalho entre os vários ramos da produção, continua a ser a primeira lei económica na base da produção comunal. Torna-se lei, aí, num grau ainda mais elevado. No entanto, isto é essencialmente diferente de uma medição dos valores de troca (trabalho ou produtos) pelo tempo de trabalho.⁵¹

Os *Princípios Fundamentais* desempenharam um papel importante nos debates concelhios-comunistas até à década de 1970, mas sobretudo como texto de referência, uma vez que os autores utilizaram ideias nele contidas sem mencionar a sua fonte⁵².

Investigação académica

O estudo da história, da teoria e da prática do comunismo de proximidade desenvolveu-se de forma muito desigual⁵³. Os investigadores interessaram-se sobretudo pelos escritos e biografias dos teóricos que desempenharam um papel no comunismo de conselho. Existem pelo menos três monografias de Anton Pannekoek e uma tese de doutoramento inédita⁵⁴. Herman Gorter foi objeto de uma biografia parcial e depois de uma biografia completa⁵⁵. Ninguém escreveu ainda uma vida de Otto Rühle, mas existem algumas boas análises do seu desenvolvimento político e teórico⁵⁶. Foram também publicadas obras sobre alguns comunistas menos proeminentes do Conselho (como Sylvia Pankhurst e Jim Dawson). No entanto, ainda não foi publicada uma monografia exaustiva sobre Paul Mattick⁵⁷. Desde o final da década de 1960, foram

⁵⁰ Appel 1990, p. 100.

⁵¹ Marx 1973, p. 173.

⁵² Ver, por exemplo, Mattick 1968, no capítulo sobre "valor e socialismo", ou Castoriadis 1984, p. 330: "[O cálculo económico numa sociedade autónoma] deve ser efectuado com base no tempo de trabalho". Castoriadis defendeu esta posição já em 1957, depois de ter estado em contacto com os comunistas do conselho holandeses durante vários anos. Ver também Seifert 1983.

⁵³ No Instituto Internacional de História Social, em Amesterdão, encontram-se os arquivos da maior parte dos comunistas do Conselho, incluindo, entre outros, os documentos de Canne Meijer, Huhn, Korsch, Mattick, Pannekoek, Pankhurst e Rühle. Para mais informações, consultar <www.iisg.nl/archives>.

⁵⁴ Brendel 1970, Malandrino 1987, Gerber 1989, Boekelman 1980.

⁵⁵ De Liagre Böhl 1973, 1996.

⁵⁶ Franck 1951, Herrmann 1972-3, Mergner 1973, Jacoby e Herbst 1985.

⁵⁷ Sobre Dawson, ver Wright 1980. Muito tem sido escrito sobre as reviravoltas na vida de Pankhurst. Os trabalhos mais úteis para os nossos objectivos parecem ser Franchini 1980, Winslow 1996.

publicadas várias antologias de escritos de teóricos do movimento comunista, sobretudo de Pannekoek e Gorter, mas também de Rühle, Mattick e Willi Huhn⁵⁸. As extensas memórias de Pannekoek estão também disponíveis em livro⁵⁹, enquanto que, mais tarde, os comunistas do conselho puseram também as suas memórias no papel ou foram longamente entrevistados⁶⁰. Foram republicadas obras de Appel, Gorter, Pannekoek e outros. Uma edição completa dos escritos e da correspondência de Karl Korsch, dando necessariamente uma atenção considerável às suas tendências comunistas conciliares, encontra-se numa fase avançada⁶¹. Foram elaboradas boas sínteses bibliográficas de alguns importantes comunistas concelhios⁶².

Atualmente, estamos também bem providos de obras sobre a história narrativa do comunismo concelhio enquanto movimento. A história das organizações alemãs foi estudada por Hans Manfred Bock, que não só escreveu uma obra de referência sobre os acontecimentos tumultuosos de 1918-23⁶³, mas também reconstruiu o desenvolvimento posterior do movimento até ao início dos anos 70⁶⁴. Philippe Bourrinet descreveu em pormenor o desenvolvimento do movimento holandês (e a sua interação com o movimento alemão)⁶⁵. Mark Shipway estudou a influência dos conselhos comunistas na Grã-Bretanha (Sylvia Pankhurst, Guy Aldred e outros)⁶⁶.

Embora já se saiba muito sobre o comunismo concelhio, há ainda uma escassez de análises aprofundadas. Foi dada alguma atenção aos pontos de vista dos comunistas concelhios sobre o colapso capitalista e o sistema concelhio, mas os seus contributos teóricos merecem um estudo mais sério⁶⁷. Os *Princípios Fundamentais*, por exemplo, quase não foram objeto de discussão até agora. Em segundo lugar, a análise histórico-materialista da corrente está ainda a dar os primeiros passos. A aplicação da análise marxista ao próprio marxismo, outrora defendida por Karl Korsch, está muito pouco desenvolvida a este respeito. Mesmo os elementos básicos de uma análise

⁵⁸ Bock 1969, Bricianer 1969/1978, Huhn 1973, Kool 1970, Mattick 1978, Mergner 1971, Rademakers 1970, Pannekoek 1972, Rühle 1971a, 1971b, Smart 1978. Atualmente, muitos textos estão também disponíveis na Internet. Ver, por exemplo, <www.kurasje.tripod.com>, ou <www.left-dis.nl>.

⁵⁹ Pannekoek 1976.

⁶⁰ Brendel 1974b, Jacoby 1982, Buckmiller 1976.

⁶¹ Korsch 1980ff.

⁶² Buckmiller 1973, 1981; Provedi 1978; Boekelman 1980, pp. 368-484; Herbst e Klemm 1986.

⁶³ Bock 1993.

⁶⁴ Bock 1976.

⁶⁵ [Bourrinet] 2001. A propósito, esta "edição pirata" do livro contém muitos pequenos erros e imprecisões. Uma nova edição "autorizada", corrigida e actualizada, será publicada em 2005/6 na série de livros *Historical Materialism* da Brill Academic Press.

⁶⁶ Shipway 1988.

⁶⁷ Marramao 1975-6, 1976, Pelino 1976, Villari 1977. Ver também Glaser 1997.

continuam a faltar. Por exemplo, ainda não existe uma boa panorâmica da história do KAPD, desde a sua fundação até ao seu desaparecimento. Neste ponto, temos de nos contentar com fragmentos⁶⁸. Praticamente nada se sabe sobre o funcionamento prático e organizacional do KAPD, das suas organizações irmãs e sucessoras. Também pouco sabemos sobre a sua implantação social e a sociologia dos seus apoiantes⁶⁹. A minha impressão é, por exemplo, que os desempregados estavam muito sobre-representados entre os comunistas de concelho dos anos 20 e 30, mas ainda não há forma de testar esta hipótese empiricamente. É igualmente de esperar um estudo histórico comparativo que explique por que razão o comunismo de proximidade se tornou influente sobretudo na Alemanha, enquanto os intelectuais neerlandeses, que eram marginais no seu próprio país, adquiriram um peso político tão desproporcionado no movimento.

Resultados

Os seguidores estritos das doutrinas concílio-comunistas são atualmente pouco numerosos. É difícil fazer um balanço. O comunismo de conselho foi um breve fenómeno de massas no início da década de 1920 e só assumiu realmente a sua identidade própria quando o KAPD já estava em declínio - poderíamos considerá-lo um produto da derrota da Revolução Alemã. A ascensão do nacional-socialismo foi o golpe de misericórdia para um movimento já muito enfraquecido. Após a Segunda Guerra Mundial, o comunismo de conselho permaneceu durante muitos anos uma corrente muito marginal entre os intelectuais de esquerda, embora tenha adquirido alguma influência nos movimentos internacionais de protesto do final dos anos sessenta e dos anos setenta.

A influência duradoura do comunismo de Conselho parece-me ser sobretudo indireta. Por um lado, o movimento deu um contributo real, a partir de uma perspetiva não anarquista, para a suspeita sistemática de todos os "burocratas" no movimento operário. Por outro lado, mostrou de forma igualmente sistemática como as formas de resistência dos trabalhadores organizados de forma autónoma se manifestam continuamente de novo. A sua influência foi visível, por exemplo, no grupo Socialisme ou Barbarie de Cornelius Castoriadis, Claude Lefort e outros, e mesmo em correntes que não tinham uma avaliação positiva do pensamento orientado para o conselho, como o *operaismo* de Sergio Bologna, Antonio Negri, Karl Heinz Roth e outros.

⁶⁸ Reichenbach 1928, 1994, Rutigliano 1974, Bock 1977.

⁶⁹ Mas ver Bock 1976, pp. 93-8.

O que resta concretamente do comunismo concelhio são sobretudo textos - textos que muitas vezes parecem bastante dogmáticos e unilaterais, com uma clara tendência masculina e um enfoque eurocêntrico. No entanto, estes textos contêm, apesar de tudo, ideias e avisos que não devemos esquecer⁷⁰.

Traduzido por Peter Drucker

Referências

Appel, Jan 1990 [1930], *Fundamental Principles of Communist Production and Distribution*, traduzido e editado por Mike Baker, Londres: Movement for Workers' Councils.

Berghauer, Knut 2001, "Karl Plättner. Anmerkungen zur Biographie eines politischen Partisanen", in Graf (ed.) 2001.

Bock, Hans Manfred 1969, *Pannekoek und Gorter: Organisation und Taktik der proletarischen Revolution*, Frankfurt am Main: Verlag Neue Kritik.

Bock, Hans Manfred 1976, *Geschichte des 'linken Radikalismus' in Deutschland. Ein Versuch*, Frankfurt am Main: Suhrkamp.

Bock, Hans Manfred 1977, "Bericht über den Gründungs-Parteitag der Kommunistischen Arbeiter-Partei Deutschlands am 4. und 5. April 1920 in Berlin", *Jahrbuch Arbeiterbewegung*, V: 185-242.

Bock, Hans Manfred 1988, "Neuere Forschungen zur Holländischen Marxistischen Schule", *Internationale wissenschaftliche Korrespondenz zur Geschichte der deutschen Arbeiterbewegung*, 24: 516-38.

Bock, Hans Manfred 1990, "O anarco-sindicalismo no movimento operário alemão: A Rediscovered Minority Tradition", em *Revolutionary Syndicalism. An International Perspective*, editado por Marcel van der Linden e Wayne Thorpe, Aldershot: Scolar Press.

Bock, Hans Manfred 1992, "Die Marx-Dietzgen-Synthese Anton Pannekoeks und seines Kreises", em *Die Rezeption der Marxschen Theorie in den Niederlanden*, editado por Marcel van der Linden, Trier: Karl-Marx-Haus.

⁷⁰ Para além da literatura já mencionada, gostaria de referir, por exemplo, as publicações de Willi Huhn sobre o movimento operário alemão (Huhn 1952) e as publicações de Cajo Brendel sobre a Espanha dos anos 30 aos anos 70 e sobre "as lutas de classes autónomas em Inglaterra, 1945-1972" (Brendel 1974a, 1977).

- Bock, Hans Manfred 1993 [1968], *Syndikalismus und Linkskommunismus von 1918 bis 1923. Ein Beitrag zur Sozial- und Ideengeschichte der frühen Weimarer Republik*, Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft.
- Boekelman, Marinus 1980, *The Development of the Social and Political Thought of Anton Pannekoek, 1873-1960*, Tese de Doutorado, Universidade de Toronto.
- Bonacchi, Gabriella M. 1977, "The Council Communists between the New Deal and Fascism", *Telos*, 30: 43-72. [Versão original: 'Teoria marxista e crisi i "comunisti dei consigli" tra New Deal e fascismo', *Problemi del Socialismo*, 17,2 (1976): 79-128.]
- [Bourrinet, Philippe] 2001, *The Dutch and German Communist Left. A Contribution to the History of the Revolutionary Movement, 1900-1950*, Londres: Porcupine Press.
- Brendel, Cajo 1970, *Anton Pannekoek, theoretikus van het socialisme*, Nijmegen: SUN.
- Brendel, Cajo 1974a, *Autonome Klassenkämpfe in England 1945-1972*, Berlim: Karin Kramer.
- Brendel, Cajo 1974b, "Die "Gruppe Internationale Kommunisten" in Holland: Persönliche Erinnerungen aus den Jahren 1934-39", *Jahrbuch Arbeiterbewegung*, 2: 253-63.
- Brendel, Cajo 1977, *Revolutie en contrarevolutie in Spanje: een analyse*, Baarn: Het Wereldvenster.
- Bricianer, Serge 1978 [1969], *Pannekoek and the Workers Councils* [com uma introdução de John Gerber], St: Telos.
- Buckmiller, Michael 1973, "Bibliographie der Schriften Karl Korsch", *Jahrbuch Arbeiterbewegung*, 1: 86-102.
- Buckmiller, Michael 1976, "Gespräch mit Paul Mattick, 21.7-23.7.1976 in Vermont", em Mattick Archive, Instituto Internacional de História Social, Amesterdão (ficheiro 146).
- Buckmiller, Michael 1981, "Bibliographie der Schriften von Paul Mattick 1924-1981", *Internationale wissenschaftliche Korrespondenz zur Geschichte der deutschen Arbeiterbewegung*, 17: 197-224.
- [Canne Meijer, Henk] 1935, "The Rise of a New Labor Movement", *International Council Correspondence*, 1-10 (agosto): 1-26. [Versão original: "Das Werden einer neuen Arbeiterbewegung", *Rätekorrespondenz*, 8-9 (abril de 1935): 1-28]
- Castoriadis, Cornelius 1984, *Crossroads in the Labyrinth*, traduzido por Kate Soper e Martin Ryle, Brighton: The Harvester Press.

- De Liagre Böhl, Herman 1973, *Herman Gorter. Zijn politieke activiteiten van 1909 tot 1920 in de opkomende kommunistische beweging in Nederland*, Nijmegen: SUN.
- De Liagre Böhl, Herman 1978, "Herman Gorter en Lenin", in *Acht over Gorter. Een reeks beschouwingen over poëzie en politiek*, editado por Garnt Stuiveling, Amesterdão: Querido.
- De Liagre Böhl, Herman 1996, *Met al mijn bloed heb ik voor u geleefd. Herman Gorter 1864-1927*, Amesterdão: Balans.
- Dingel, Frank 1981, "Paul Mattick (1904-1981)", *Internationale wissenschaftliche Korrespondenz zur Geschichte der deutschen Arbeiterbewegung*, 17: 190-7.
- Franchini, Silvia 1980, *Sylvia Pankhurst, 1912-1924: dal suffragismo alla rivoluzione sociale*, Pisa: ETS.
- Franck, Sebastian [Henry Jacoby] 1951, *Soziologie der Freiheit. Otto Rühles Auffassung vom Sozialismus. Eine Gedenkschrift*, Ulm: Schotola.
- Gebhardt, Manfred 1983, *Max Hoelz. Wege und Irrwege eines Revolutionärs*, Berlim: Verlag Neues Leben.
- Gerber, John 1989, *Anton Pannekoek and the Socialism of Workers' Self-Emancipation 1873-1960*, Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Giersich, Peter e Bernd Kramer 2000, *Max Hoelz*, Berlim: Karin Kramer Verlag.
- Glaser, Darryl 1994, "Paradoxes of the Council State", *Studies in Marxism*, 1: 143-77.
- Gorter, Herman 1918, *De wereldrevolutie*, Amesterdão: J.J. Bos.
- Gorter, Herman 1978 [1922], "The Organisation of the Proletariat's Class Struggle", em Smart (ed.) 1978.
- Gorter, Herman 1989 [1920], *Open Letter to Comrade Lenin*, Londres: Wildcat.
- Graf, Andreas 2001 (ed.), *Anarchisten gegen Hitler. Anarchisten, Anarcho-Syndikalistinnen und Rätekommunisten in Widerstand und Exil*, Berlim: Lucas.
- Grossmann, Henryk 1929, *Das Akkumulations- und Zusammenbruchsgesetz des kapitalistischen Systems*, Leipzig: Hirschfeld. [Reimpressão com índice: Frankfurt: Verlag Neue Kritik, 1967].
- Herbst, Ingrid e Bernd Klemm 1986, "Henry Jacoby (3.8.1905-17.6.1986): Nachruf und bibliographischer Überblick", *Internationale wissenschaftliche Korrespondenz zur Geschichte der deutschen Arbeiterbewegung*, 22: 388-95.
- Hermann, Friedrich Georg 1972-73, "Otto Rühle als politischer Theoretiker", *Internationale wissenschaftliche Korrespondenz zur Geschichte der deutschen Arbeiterbewegung*, 17: 16-60, e 18: 23-50.

- Horner, K. [Anton Pannekoek] 1919, "De groei van het Kommunisme", *De Nieuwe Tijd*, 24: 489-502.
- Huhn, Willi 1952, "Etatismus - "Kriegssozialismus" - "Nationalsozialismus" in der Literatur der deutschen Sozialdemokratie", *Aufklärung*, 2: 162-80, 264-88. [Reimpressão em *Neue Kritik*, (1970) 55-56: 67-111].
- Huhn, Willi 1973, *Trotzki: der gescheiterte Stalin*, Berlim: Karin Kramer Verlag.
- Ihlau, Olaf 1969, *Die Roten Kämpfer. Ein Beitrag zur Geschichte der Arbeiterbewegung in der Weimarer Republik und im Dritten Reich*, Meisenheim am Glan: Hain.
- Jacoby, Henry 1969, *Die Bürokratisierung der Welt. Ein Beitrag zur Problemgeschichte*, Neuwied: Luchterhand. [Edição revista: Frankfurt: Campus Verlag, 1984].
- Jacoby, Henry 1982, *Davongekommen. 10 Jahre Exil, 1936-1946*, Frankfurt: Sandler.
- Jacoby, Henry e Ingrid Herbst 1985, *Otto Rühle zur Einführung*, Hamburgo: Junius Verlag.
- Jassies, Nico 2000, "Marinus van der Lubbe en de Rijksdagbrand", *Jaarboek der sociale en economische geschiedenis van Leiden en omstreken*: 126-63.
- Karasek, Horst 1980, *Der Brandstifter. Lehr- und Wanderjahre des Maurergesellen Marinus van der Lubbe, der 1933 auszog, den Reichstag anzuzünden*, Berlin: Wagenbach.
- Kool, Frits (ed.) 1970, *Die Linke gegen die Parteiherrschaft*, Olten: Walter-Verlag.
- Kool, Frits 1978, "Die Klosterbrüder des Marxismus und die Sowjetgesellschaft: Ein Beitrag zur Geschichte des Rätekommunismus", in *Sociedade e História. Essays in Honor of Karl August Wittfogel*, editado por G.L. Ulmen, The Hague: Mouton.
- Korsch, Karl, Paul Mattick, Anton Pannekoek, Otto Rühle e Helmut Wagner 1973, *La contre-révolution bureaucratique*, Paris: UGE 10/18.
- Korsch, Karl 1938, "Lenin's Philosophy: Some Additional Remarks to J. Harper's Recent Criticism of Lenin's Book "Materialism and Empiriocriticism"", *Living Marxism*, 4/3: 138-44.
- Korsch, Karl 1974, "Briefe an Paul Partos, Paul Mattick und Bert Brecht, 1934-1939", editado por Michael Buckmiller e Götz Langkau, *Jahrbuch Arbeiterbewegung*, 2: 117-249.
- Korsch, Karl 1980ff, *Gesamtausgabe*, editado por Michael Buckmiller, Amesterdão: Stichting beheer IISG.

Kutz, Wolfgang 1991, *Der Erziehungsgedanke in der marxistischen Individualpsychologie. Pädagogik bei Manès Sperber, Otto Rühle und Alice Rühle-Gerstel*, Bochum: Ulrich Schallwig Verlag.

Leichter, Otto 1923, *Die Wirtschaftsrechnung in der sozialistischen Gesellschaft*, Viena: Verlag der Wiener Volksbuchhandlung.

Lenine 1920, "'Left-Wing" Communism - An Infantile Disorder", traduzido por Julius Katzer, em *Collected Works*, Volume 31.

Malandrino, Corrado 1987, *Scienza e socialismo: Anton Pannekoek (1873-1960)*, Milão: Franco Angeli.

Marramao, Giacomo 1975-6, "Teoria da crise e o problema da constituição", *Telos*, 26: 143-64. [Original italiano: "Teoria della crisi e "problematica della costituzione", *Critica Marxista*, 13, 2/3 (março-junho 1975): 115-45.]

Marramao, Giacomo 1976, "Teoria del crollo e capitalismo organizzato nei dibattiti dell "estremismo storico", *Problemi del Socialismo*, 17, 3: 53-95.

Marx, Karl 1973, *Grundrisse. Foundations of the Critique of Political Economy (Rough Draft)*, traduzido por Martin Nicolaus, Harmondsworth: Penguin.

Mattick, Paul 1934, "The Permanent Crisis. Henryk Grossmann's Interpretation of Marx's Theory of Capitalist Accumulation", *International Council Correspondence*, 1-2 (novembro): 1-20.

Mattick, Paul 1969, *Marx and Keynes. The Limits of the Mixed Economy*, Boston: Porter Sargent.

Mattick, Paul 1973, "La prospettiva della rivoluzione mondiale di Anton Pannekoek", *Annali Istituto Giangiacomo Feltrinelli*, 15: 344-63. [Também publicado em alemão como: "Anton Pannekoek und die Weltrevolution", *Jahrbuch Arbeiterbewegung*, 6 (1978): 227-50.]

Mattick, Paul 1976, "Kapitalismus und Ökologie. Vom Untergang des Kapitals zum Untergang der Welt", *Jahrbuch Arbeiterbewegung*, 4: 220-41.

Mattick, Paul 1978, *Anti-Bolshevik Communism*, White Plains: M.E. Sharpe.

Mergner, Gottfried (ed.) 1971, *Gruppe Internationale Kommunisten Hollands*, Reinbek bei Hamburg: Rowohlt.

Mergner, Gottfried 1973, *Arbeiterbewegung und Intelligenz*, Starnberg: Werner Raith Verlag.

Montaldi, Danilo 1975, *Korsch e i comunisti italiani. Contro un facile spirito di assimilazione*, Roma: Savelli.

Müller, Reinhard 1999, "Der Fall Max Hoelz. Rebell in Reih und Glied", *Mittelweg*, 36, 8: 78-94.

Pannekoek, Anton 1977, "The Theory of the Collapse of Capitalism", *Capital and Class*, 1: 59-81. [Original alemão: 'Die Zusammenbruchstheorie des Kapitalismus', *Rätekorrespondenz*, 1 (1934): 1-20.]

Pannekoek, Anton 1948, *Lenin as Philosopher. A Critical Examination of the Philosophical Basis of Leninism*, Nova Iorque: New Essays. [Versão original: J. Harper, *Lenin als Philosoph. Kritische Betrachtung der philosophischen Grundlagen des Leninismus*, Amesterdão: GIK, 1938].

Pannekoek, Anton 1972, *Partij, raden, revolutie*, editado por Jaap Kloosterman, Amsterdão: Van Genneep.

Pannekoek, Anton 1982, *Herinneringen. Herinneringen uit de arbeidersbeweging. Sterrenkundige herinneringen*, editado por B.A. Sijes, J.M. Welcker e J.R. van der Leeuw, Amesterdão: Van Genneep.

Pelino, Antonio Cesare 1976, "Il Linkskommunismus: trasfigurazione ideologica e ricostruzione scientifica", *Problemi del Socialismo*, 17, 2: 205-19.

Polányi, Karl 1922, "Sozialistische Rechnungslegung", *Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik*, 49: 377-420.

Prat, Michel 1984, "L'échec d'une opposition internationale de gauche dans le Komintern, 1926", *Communisme. Revista de estudos pluridisciplinares*, 5: 61-75.

Provedi, Anna 1978, "Bibliografia degli scritti politici di Herman Gorter", *Studi Senesi*, 3ª série, 27: 267-84.

Rademakers, Piet 1970, *Anton Pannekoek: Organizzazione rivoluzionario e consigli operaio*, Milão: Feltrinelli.

Reichenbach, Bernhard 1928, "Zur Geschichte der K(ommunistischen) A(rbeiter)-P(artei) D(eutschlands)", *Archiv für die Geschichte des Sozialismus und der Arbeiterbewegung*, 13: 117-40.

Reichenbach, Bernhard 1994, "O KAPD em Retrospectiva", *História da Revolução*, 5, 2, primavera: 137-44.

Riechers, Christian 1973, "Brief von Amadeo Bordiga an Karl Korsch", *Jahrbuch Arbeiterbewegung*, 1: 243-63.

Roth, Karl Heinz 1974, *Die 'andere' Arbeiterbewegung und die Entwicklung der kapitalistischen Repression von 1880 bis zur Gegenwart*, Munique: Trikont.

Rühle, Otto 1920a, "Moskau und wir", *Die Aktion*, 18 de setembro.

- Rühle, Otto 1920b, "Bericht über Moskau", *Die Aktion*, 2 de outubro.
- Rühle, Otto 1971a, *Baupläne für eine neue Gesellschaft*, editado por Henry Jacoby, Reinbek: Rowohlt.
- Rühle, Otto 1971b, *Schriften. Perspektiven einer Revolution in hochindustrialisierten Ländern*, editado por Gottfried Mergner, Reinbek: Rowohlt.
- Rühle, Otto 1975, "Der autoritäre Mensch und die Revolution", in *Zur Psychologie des proletarischen Kindes*, Frankfurt am Main: März.
- Rutigliano, Enzo 1974, *Linkskommunismus e rivoluzione in occidente: per una storia della KAPD*, Bari: Dedalo.
- Schoch, Elsbeth Würzer 1995, *Otto Rühle und Siegfried Bernfeld. Eine vergleichende Darstellung zweier Pädagogen, ihrer unterschiedlichen psychologischen und soziologischen Grundlegung und ihrer pädagogischen Relevanz*, tese de doutoramento, Universidade de Zurique.
- Seifert, Eberhard 1983, "Die räte-kommunistische Tradition von "Ökonomie der Zeit"", *Prokla*, 51: 118-48.
- Shipway, Mark 1987, "Council Communism", em *Non-Market Socialism in the Nineteenth and Twentieth Centuries*, editado por Maximilien Rubel e John Crump, Basingstoke: Macmillan.
- Shipway, Mark 1988, *Anti-Parliamentary Communism: The Movement for Workers' Councils in Britain, 1917-45*, Basingstoke: Macmillan.
- [Sirach, Eduard] 1933, *Marinus van der Lubbe: proletariër of provocateur*, sem local: sem editor.
- Smart, D.A. (ed.) 1978, *Pannekoek and Gorter's Marxism*, Londres: Pluto Press.
- Sprenger, Rudolf [Helmut Wagner] 1940, *Bolshevism: Its Roots, Role, Class View and Methods*, Nova Iorque: International Review.
- Ullrich, Volker 2000, *Der ruhelose Rebell. Karl Plättner 1893-1945. Eine Biographie*, Munique: Verlag C.H. Beck.
- Van den Berg, Hubert 2001, "Jan Appel - ein deutscher Rätekommunist im niederländischen Exil und Widerstand 1926-1948", in Graf (ed.) 2001.
- Villari, Francesco 1977, "Crisi e progettualità nel capitalismo fra le due guerre: le analisi di Korsch e Mattick", *Critica Marxista*, 15, 1: 143-55.
- [Wagner, Helmut] 1934, "Teses sobre o bolchevismo", *Correspondência do Conselho Internacional*, 1-3 (dezembro): 1-18. [Versão original: "Thesen über den Bolschewismus", *Rätekorrespondenz*, 3 (agosto de 1934): 1-22.]

Winslow, Barbara 1996, *Sylvia Pankhurst: Sexual Politics and Political Activism*, Londres: UCL Press.

Wright, Steven 1980, 'Left Communism in Australia. J.A. Dawson and the Southern Advocate for Workers' Councils', *Thesis Eleven*, 1: 43-77.